



Nossa Senhora com o Menino e Anjos

De Antonio Van Dyck (Academia de Bellas Artes em Roma)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

33, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado  
acresce o importe das despesas

*Extrangeiro*—Um anno, 3\$600.

**Numero avulso, 80 reis**

**Numero 235**

Braga, 29 de Dezembro de 1917

**Anno V**

# CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archdiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcaçova.

O referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

# V A G O

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..

## Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.  
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 reis.  
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»  
**BRAGA**

# V A G O



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 29 de Dezembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 235—Anno V



O Presepio

**R**ECORDA a Igreja de Deus a Redempção do mundo! E' a grande alvorada, rosea, triumphal, divina! E uma vasta esperança dulcificadora e tremente, percorre em sutilimas ondas, penetrando tudo, desde as hervinhas humildes e as pombas novas aos robles gigantes, ás almas fortes de fé aos coruchéus das altas cathedraes, o mundo que se retorçe, que estála e que se crispa, acatado por uma immensa dôr profunda!

Assim ha vinte centos de annos foi, assim é hoje. Ha de facto uma esperança que passa o gesto largo e brando das suas azas pelo céu azul da grande Noite. Abrem para ella, ao luar frio as suas boccas, as flôres brancas do inverno e as creanças. Põem as mãos para ella, em oração, as mães velhinhas e as esposas anciantes cujos olhos uma sombra luctuosa tantas, tantas vezes tem vindo quebrar a visão, enlevadora dos que andam longe, os hombros tocando os hombros algidos da morte...

Ha de facto uma esperança que passa pelo céu.

E, pensae bem, é a mesma esperança do Natal! Paira sobre o berço do Menino. Respira no seu respiro débil. Tira alentos da alma divina que palpita no seu coração de creança que vae redimir um mundo. Belem é um marco luminoso na historia. Dizia-o o cantico com que os anjos annunciaram a idade nova da paz, aos pegureiros attonitos, ja noite alta, quando os rebanhos dormiam esquecendo a terra erma da montanha, e quando os écos paravam escutando um ruflar estridulo de asas negras no cerraceiro dos valles...

Dobrae o joelho e erguei as mãos, como os que cá deixastes e assim n'essa postura bebei com os olhos, com os labios e com os ouvidos a claridade esplendida d'essa anunciação de paz—ó soldados das terras lindas de Nossa Senhora que n'esta Noite, nas terras frias da Gallia tão longe! e no abandono adusto do africano continente—muito mais longe ainda, santo Deus! heis de pôr no caminho translúcido das estrellas as saúdades mais tristes dos que andam, sob os zumbidos das ballas e os silvos roucos das granadas, a vêr se arrebatam do seio da morte as corôas das victorias que a fronte encanecida do seu Portugal espêra ainda...

São aquella esperança e esta saúdade, n'um sorriso aflorando entre lágrimas, a benção que Deus nos manda d'este Natal de guerra. Eu, como tantos outros, recordo os meus que a guerra fez partir; elles, os soldados, recordarão primeiro o calor brando dos lares em que nascêram, depois o som dos campanarios, na manhã de um dia de sol, do Natal, na sua aldeia.

Por uns e por outros, lares e campanarios, andam em sons e em evocações e em préces, as suas almas. Hoje o pároco a cuja missa assisti pediu por elles e ao orar pela paz, por elles pediu tambem. De novo, á sombra da Cruz se operáram os milagres da saúdade de Portugal. E só de lembrar-mos que lá longe se reza, todos nós, atravez do céu, com elles nos unimos. E' que a oração é o unico laço que prende os que sofrem, os que amam sem se vêrem... Pudessem comprehendê-lo tantos tantos que teem hoje um Natal de lágrimas, só de lagrimas e fôme!

Almas escravras da situação que ellas mesmas se creáram por sua inexperiencia, por seus erros, e por sua bôa-fé, essas buscarão junto do Senhor o refugio quente e docemente querido em que os corações repoisam.-



O Anjo annunciando o Nascimento de Jesus

Hora de lucto para muitos, hora de desespero para outros sem pão na meza tôsea, horas de uma tristeza indizida para outros ainda; horas de alegria, horas de quieto enlêvo, de segurança no futuro e de carinhoso socêgo no passado familiar.

Eu, confesso, quero vivêr n'esta noite da ceia, com Deus, commigo e com os Mortos! Quantos não viverão assim...

... Eu ouvia distinctamente o mar, o mar que me enviou o som rumorosamente amargurado das suas vagas em marulho quando poisáram o seu corpo tenro e doente no berço singêlo que foi o barco primeiro da minha vida. Eu ouvia distinctamente o mar. Meu Pae, deante de mim... como eu o vejo, como me sinto com elle, dentro de mim! Depois, a visita a meu Avô, pelas ruas da villa em silencio, ao vento frio, ás vezes á chuva! Meu Avô quasi sempre estava a terminar a ceia quando chegavamos; e minutos depois, rezava longamente pelos Mortos da nossa familia, pelo rei no exilio...

... Pelo Anno Bom minha Avósinha era uma reliquia á meza. Como eu me lembro vivamente d'ella, das suas orações, dos seus afagos e da serena paz do seu rosto de mulher sã do Minho cheio de fé, quando a vi morta!...

... Mais tarde, n'aquella capella dos vetustos Grillos, meu Tio rezava alto a Deus por todos nós. Soava meia-noite, na torre senhorial da Universidade. A missa ia em meio. E no fim, elle repetia, dando-me a benção de Padrinho a palavra doce de *filho* que me dissêra á ceia—meu Pae *morrêra* haviam mezes!

Veio a vida, a via-dolorosa! Veio a dôr, a minha grande irmã mais velha, veio a labuta que me impulsiona imperiosa, com o verbo das suas ordens irrevogaveis:—*marcha! marcha!*

... Noite alta, noite do Natal de Deus! Tenho em minha frente o luar branco a poeirar o arvoredo escassamente ponteadado das luzes das lareiras esparsas pela aldeia. Olho á esquerda e distingo perfectamente o cruzeiro da torre da Igreja. Evóco os Meus, chamo-os e rézo, defrontando a vida, por elles sacrificada...

E volto depois a viver com Deus, commigo e com os Mortos, pensando no meu lar, cheio de amor!

F. V.

# A Sibylla e o Advento de Christo

POR JOSÉ CONSTANTINO.

**E**NTRE varios curiosissimos problemas que nos offerece á nossa consideração o paganismo, merece uma attenção particular o que ás sibyllas se refere. Discrepam quanto a seu numero e circumstancias os auctores da antiguidade pagã; e se Diodoro Siculo apenas nos refere uma, a que denomina Daphne, Varrão chega a contar dez, entre ellas a de Cumas, ou italiana que parece, em todo caso a mais importante, se é que existe mais que uma sibylla, e as que por faes se denominam não são mais que copias e reproduções de uma unica fonte.

Induz-nos a tal considerar não só uma circumstancia particular em que ao adiante fallaremos, mas tambem ver que Platão, Plutarcho; Cicero, e Dion Chrysostomo fallam de uma só Sibylla, no singular, e que, quando são citados seus versos, é isso em grego, o que faz pensar numa origem hellenica. Que na verdade existiram verso



A Sibylla de Cumas, de Domenico Zampieri  
(Galeria Capitolina, Roma)

sibyllinos, não é assumpto de duvida, pois todos sabemos com quanta diligencia eram custodiados esses livros, pelos decenviros, pena de morte para os que os divulgassem. Mas a existencia incontroversa dos livros sibyllinos demonstra tanto a existencia da Sibylla, como os versos orpheicos demonstram a existencia de Orpheu.

Alem dos varios auctores pagãos nos referirem algo da Sibylla, e pelo menos a sua existencia, os Santos Padres tambem á Sibylla se referem, e com elogio della fallam em multiplos logares. S. Justino nos diz que a Sibylla annunciava claramente a vinda de Jesus Christo, o que nos explica a insistencia com que Cicero no *De divinatione*, se insurge contra o boato de que os interpretes da Sibylla quisessem ver nos seus livros o advento de um rei. . . . *Quorum interpretes nuper, falsa quadam hominum fama, dicturus in Senatu putabatur, cum quem revera regem habebamus, appellandum quoque esse regem, si salvi esse velemus.* É o grande romano accrescenta que dos livros sibyllinos «qualquer coisa se infira; não, porem, um rei.»

Ora Cicero fallava como politico e como pantheista: elle, sem de Deus possuir uma noção verdadeira, e nem dos livros sibyllinos um conhecimento exacto, imaginara que a coisas humanas, e reinos temporaes se referiam os livros sibyllinos, quando a divinos, celestiaes assumptos só eram dedicados. Por isto S. Justino dedica encomios a taes livros, e á leitura dos christãos os recommenda. Athenágoras os elogia e Tertulliano lhes chama *veri verae vates*; e S. Clemente de Alexandria contra os pagãos allega a Sibylla e cita umas palavras de S. Paulo que hoje não possuímos nos escriptos do Apostolo, e que, portanto, pertencem a alguma perdida carta do Doutor das Gentes: «Tomae os livros gregos (repare-se neste *hellenoi*) e vede como a Sibylla declara a unidade de Deus, e levanta o veu do porvir.»

Devemos, pois, não menosprezar a ideia das Sibyllas, se verdadeiro é tão grande elogio qual o acabamos de ler de São Paulo; cumpre-nos todavia reconhecer que não são concordes as opiniões de todos os santos Padres quanto a esta inspiração da obra sibyllina.

Provada inilludivelmente a existencia dos livros sibyllinos, da sua origem grega diz claramente o texto de S. Paulo citado pelo Alexandrinense «*hellenoi*» e o proprio nome da Sibylla, onde leem os etymologista *sibylle*, do eólico *sou* por *Theou*, e *bolé* por *boulé*, significando, pois, «vontade» ou «decreto divino.» Que a Christo se referiam os livros sibyllinos o podemos ver no Carmen terceiro: «Deus enviará do Oriente um Rei que apague a chamma da guerra no universo mundo. Elle será o Servo do Altissimo. . . . Vinde, dirão as gentes, dobrae o joelho ao Rei immortal dos ceus; celebremos entre hymnos a gloria do Creador. . . .»

Por pouco que meditemos nos residuos que as citações dos primeiros auctores nos legam, sem trabalho descobrimos nellas o echo dos accents da harpa de Judá; no trecho antes citado é clara a allusão a Ezechiel (XXXIX) e aos Psalmos (XLV e LXXV), tanto como outro que por brevidade, e porque ao Natal se não refere, nos dá vislumbres de Isaias e Daniel.

Cremos, portanto que é facil agora comprehender a origem da Sibylla. Os therapeutas, essenios e judeus de Alexandria, dedicavam-se com grande afinco ao estudo dos prophetas. E aquelles na solidão, estes nos vagares do seu activo commercio humano se dedicaram a compôr eloquentes poemas, trechos de mystica, (e bem exagerado mysticismo, ás vezes!) e outras obrasinhas religiosas. Entre os gentios, especialmente os gregos, espalharam o thesouro da Escripura, e para executar mais prudentemente seu designio fizeram a sua collecção dos principaes vaticinios, intitulado-a *Sibylla*. Eis a mais acertada explicação ao que parece.

Quando, pois, a Igreja bracarense convida o povo a ouvir os versos sibyllinos «ouvi o que disse a Sibylla,» e na Igreja catholica se appella para o testemunho da Sibylla na sequencia dos defunctos «como testemunham David e a Sibylla» não usurpam aos pagãos a obra da industria pagã que alli não houve, ratificam os echos da revelação, os accordes dos cantos salemitas.

Esses hymnos triumphaes, esses cantos suavissimos, cuja potente magestade prenunciou o Nascimento do Salvador, esses ternos arrulhos de amor, e esse clangor de tuba militar, que disseminou nos vaticinios do Salvador o Espirito Santo, esses sons e não outros, são os que da Sibylla, mera collecção devota, brotaram como o reflexo de um echo. É se por toda a Igreja hoje resoa a voz da prophacia «orvalhae, altos ceus, e as nuvens chovam o justo; abra-se a terra e germine o Salvador» echo da Biblia, echo só da Biblia são os versos sibyllinos com que, quasi batendo a meia-noite mais formosa, accordam os recantos da bracarense cathedral:

*Judicii signum: Tellus sudore madescet.*

# SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

XXI

## O pinheiro do Natal

**D**EIXEMOS para o que yem o caso da pinha, e fallemos neste serão do pinheiro de Natal.

Se um de nossos bisavós, que ha cem annos seroavam zantamente decifrando cada mez as advinhas dos *Enjeitados da Fortuna expostos na roda do tempo* (1) — reincarnasse invocado por algum espiritaista e viesse ver as montras dos estabelecimentos e assistir ás consoadas nos lares portuguezes de hoje, ficaria espantado de ver, carregados de bonecos, brinquedos e saquinhos de guloseimas, tudo versico'or e profusamente illuminado,—os pinheiros de Natal!

«Que usança é esta?» —exclamaria, e, muito provavelmente accrescentaria o «*Ubinam gentium sumus?*» que naquelles bons tempos em que se aprendia latim, era da tarifa em casos destes. — Dêse quando se viu o pinheiro, symbolo da morte, usado como arvore symbolica numa festa de Nascimento d'aquelle que de si mesmo disse: «*Eu sou a vida?*»

Ao que frey Gil responderia pouco mais ou menos:

Querido bisavô; tem Portugal ha cem annos progredido tanto que pouco me surprehe de esse seu espanto. Costumes, lingua, philosophia, moral, instituições politicas, tudo *evoluiu*, ou *evoluiu*, ou *evoluciou*—que, pobres do mais, fartura temos de barbarismos novos.

O classico bacalhau da consoada é hoje quasi uma recordação mythologica. Parece que despeitado do processo que lhe moveram em Lisboa, em 1816, (o que noutro serão veremos) fugiu de Portugal, sem se mover á *Exhortação* que ao tempo lhe fizeram, e começava:

Meu filho, não arrebenes	Ah bacalhau, bacalhau!
Co'a pena, que por ti passa!	Bem nascido e mal fadado!
Já vieste a Portugal	Que vens das partes do Norte
Para tamanha desgraça!	A ser aqui justificado!

Bem dissera o sympathico peixe das *partes do Norte*, na fala com que se defendeu no processo, que não era culpa sua:

Se ao sagaz bacalhoeiro  
O que lhe importa é vender,  
E por fazer fome ao povo  
La'me deixa apodrecer!

Isto em 1816, quando o preço do bacalhau—*obstupescite gentes!*—era a palaco o arrafel, se não mente a *Exhortação ao padecente* bacalhau:

Todos os homens prudentes]  
Sempre te rogam mil bens,  
Pedem ao céu que não passes  
De arrafel e dois vintens!

Bacalhau a quatro vintens o kilo, em Lisboa, em 1816 em plena monarchia absoluta. Jubilae Integralistas! A três vintens o prometteram nos comicios os republicanos, para deitar abaixo a monarchia. Mas um mez depois de subirem ao poder, saiu-se o *Mundo* com um artigo de fundo em que *negava que tivesse havido taes promessas* e explicava: «*A baixa no preço do bacalhau do arroz, do pão, não se consegue por meio de um simples decreto governamental, mas por meio de uma serie de medidas conjugadas e tendendo ao mesmo fim. Para o estudo e realização desta serie de medidas é que a monarchia não possuia aptidão, nem condições, nem 'feito', nem desejos, nem coisa alguma.*»

O desejo, as aptidões, o feito da Republica, ao fim de 7 annos, foi tão efficaç para barafear as coisas, que o povo de Lisboa correu has dia á redação do *Mundo* a

escavacar tudo, em acção de graças por elle defender um governo ante cuja queda fecharam as lojas, em signal de lucto, alguns açambarcadores que o esfaimavam!

Voltemos ao pinheiro arvore do Natal. Em vez do bacalhau invade-nos agora as casas esse costume natalicio que veio, como o *fiel amigo*, das partes do Norte.

Vem este costume dos paizes Scandinavos, e especialmente da Noruega, onde parece que existia já anteriormente aos mais antigos documentos escritos. Resumindo um artigo publicado em 1911 (*Revue pour tous*, dezembro, pag 816 e seg.) apuramos que naquelles remotos tempos os povos da Scandinavia já tinham as festas de Yule, a 25 de dezembro, celebrando o solsticio de inverno. Quando appareceu o Christianismo, á resurreição da natureza, symbolizada no pinheiro, uniu-se a idea da resurreição das almas. O rei Olof, para evitar confusões prescreveu as festas de Yule, que foram restabelecidas logo que desappareceram os ultimos vestigios de paganismo e ninguem depois duvidou serem exclusivamente em honra de Christo.

Ainda hoje nos paizes do Norte as festas de Natal são as principaes do anno, havendo arvores cuja ornamentação custa milhares de francos. Só no seculo XVI é que a arvore de Natal entrou na Europa central. A primeira foi assignalada em Schlestadt, em 1546; Strasburgo inaugurou as suas em 1604 e só por fim do seculo XVII este costume se generalizou na Allemanha. Tomando o caracter de festa nacional o seu incremento foi tal que o duque de Weimar viu-se obrigado a regulamentar a piedade dos seus vassallos que lhe desarborizavam os montes.

Só de 1737 em deante é que as arvores de Natal allemãs appareceram ornadas de velas. Goethe, no *Werter* fala do *Christbaum* (arvore de Christo) e Carlota promette aos irmãos uma vela e mais alguma coisa, se estiverem com fino...

A França e a Inglaterra só depois de 1840 introduziram em suas casas, na noite de Natal, a arvore illuminada... Dos francezes, provavelmente, tomámos nós o uso—como os figurinos da *Rue de la Paix*.

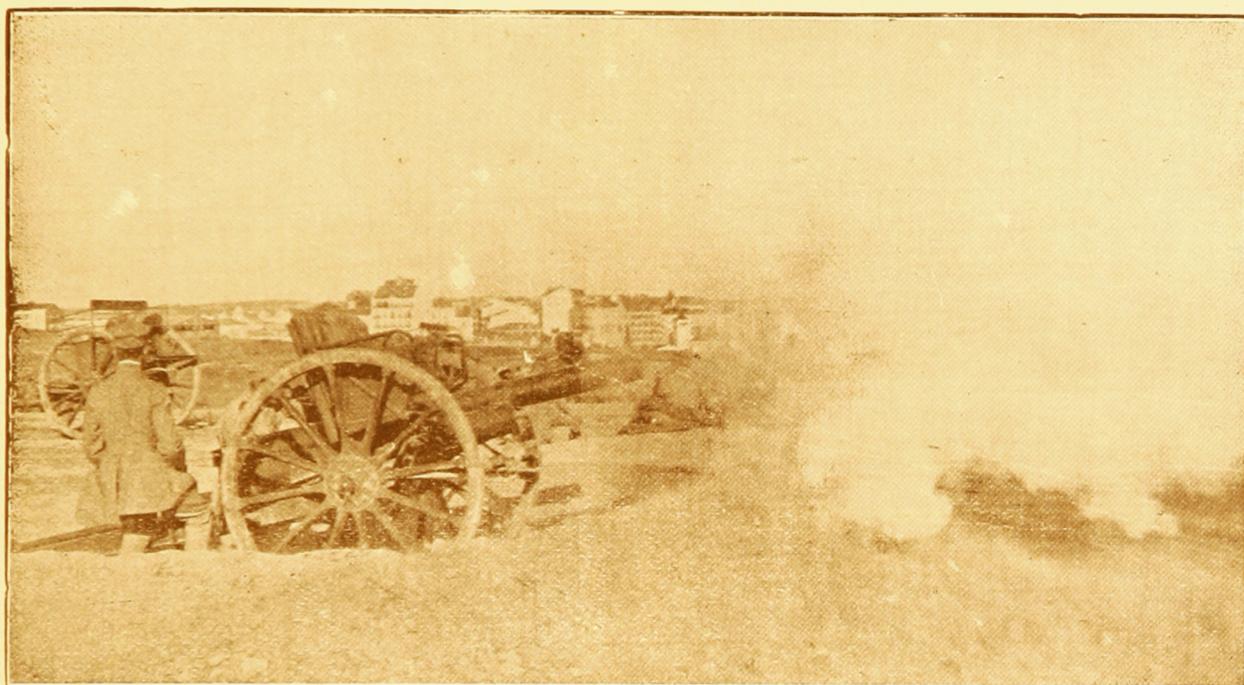
Mas porque ha de ser um pinheiro?—tornará a interrogar o nosso bisavô, depois de recordar os nossos tradicionaes presepios, em que não ha resquicios de paganismo, como não sejam os que lá viu o dr. Theophilo Braga, na vacca, por dar manteiga, e a manteiga, posta nos paus que se friccionam, como o *Agni* e o *Araní* védicos, etc, etc. Este doutor fem-nas bôas!

Respondo ao bisavô:

Enhures li que motivos tiveram os povos pagãos do Norte ao escolher o pinheiro para as suas festas de Yule, no solsticio de Inverno. Tal vez naquellas desoladas regiões da neve seja o pinheiro a unica arvore que no coração do inverno conserva viva com a côr verde das suas agulhas, a recordação da verdura que morreu e a esperança da verdura que vae resurgir, quando o sol, (cuja festa celebravam), reanimar com seus raios a natureza inteira. Os presentes com que carregavam a arvore seriam symbolos das esperadas colheitas. E' uma conjectura minha, corroborada com a recordação de que no paganismo o pinheiro significou a natureza. Ouça mos outra vez a frey Isidoro, falando do pinheiro: «D'elle diz Santo Ambrosio que é imagem da natureza humana, arvore que do principio do mundo foi sempre nascendo, e conservando-se de sua semente. Foi antigamente consagrada a Cybele, *mãe de todas as cousas*, porque como o *pinheiro era imagem da natureza* foi bem que se dedicasse á mãe da mesma natureza.» E... boas festas!

(1) Possui esta revista mensal «sobre moral é muito divertida» que estampava em Lisboa na impressão regia pelos annos de 1816-1818, José Daniel Rodrigues da Costa.

# A Revolução

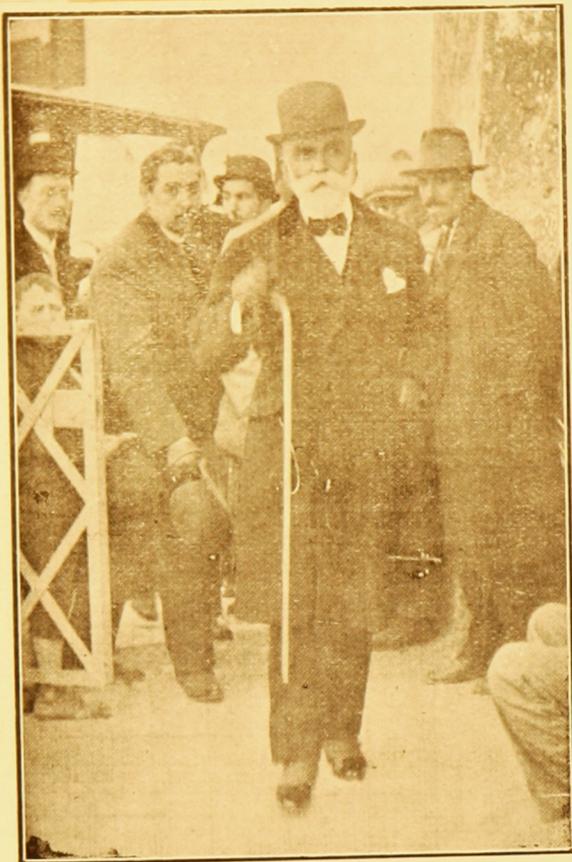


No Parque Eduardo VII—A artilharia revolucionaria disparando sobre o Tejo



As tropas revolucionarias na manhã do dia 6 abrigada nas trincheiras. —Ao fundo a Penitenciaria

# Noite de Natal



O desterro do Presidente da Republica  
O Sr. Dr. Bernardino Machado chegando  
a Entre-Campos para embarcar  
no comboio que o levou á Hespanha

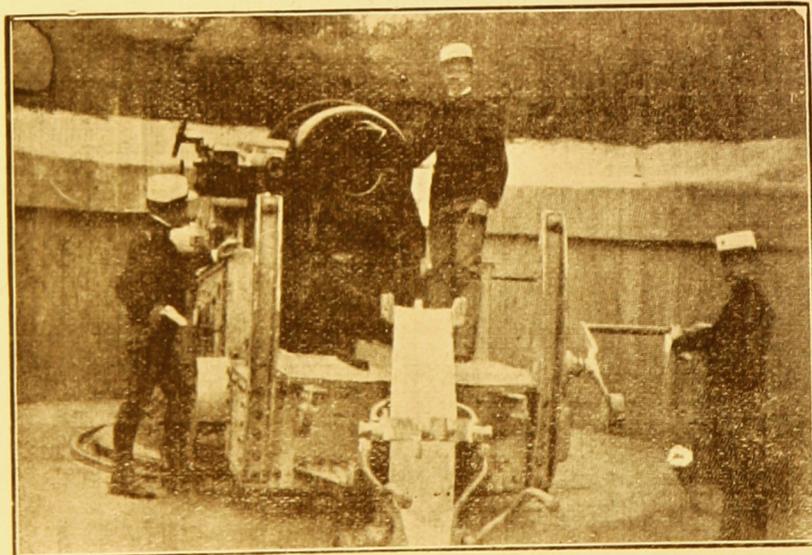
Acolá n'aquella aldeia,  
Em noite de lua cheia  
Alegremente tangia  
O sino da freguezia;  
E com olhar incitante,  
O sineiro delirante  
Do brônze em doce harmonia  
Redobrava a symphonia.

Encoberta entre a verdura,  
Dos ramos na espessura,  
A fundo lá estava erguida,  
Um encanto d'uma ermida;  
Pequenos velhos e pobres,  
E grandes, ricos e nobres  
Todos p'ra ermida seguiam  
Todos a ella corriam.

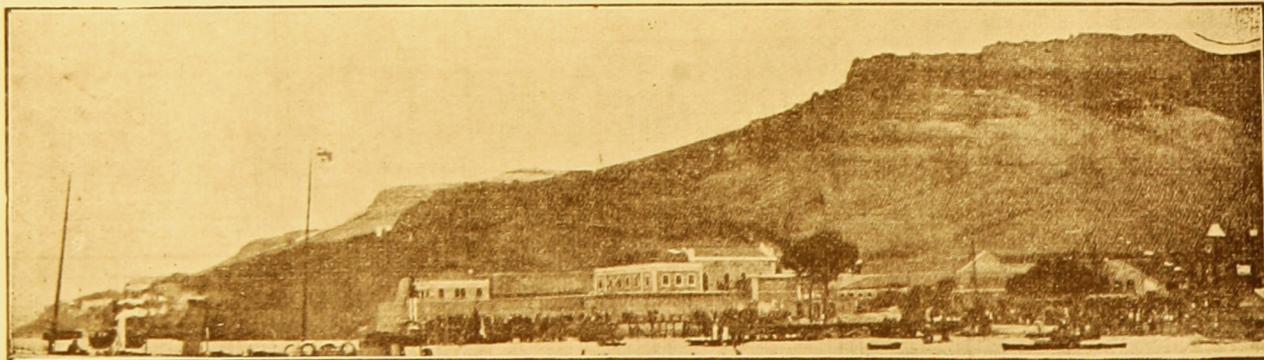
N'um presépe reclinado,  
E sobre feno deitado,  
Lá se via o Deus Menino,  
Um Deus feito pequenino;  
Todos em torno entoavam  
Todos em côro cantavam,  
*Gloria in excelsis Deo*  
*Paz na terra e Gloria ao Céol*

G. ACCIAIOLI.

Funchal—Ilha da Madeira 25 de Novembro de 1917.

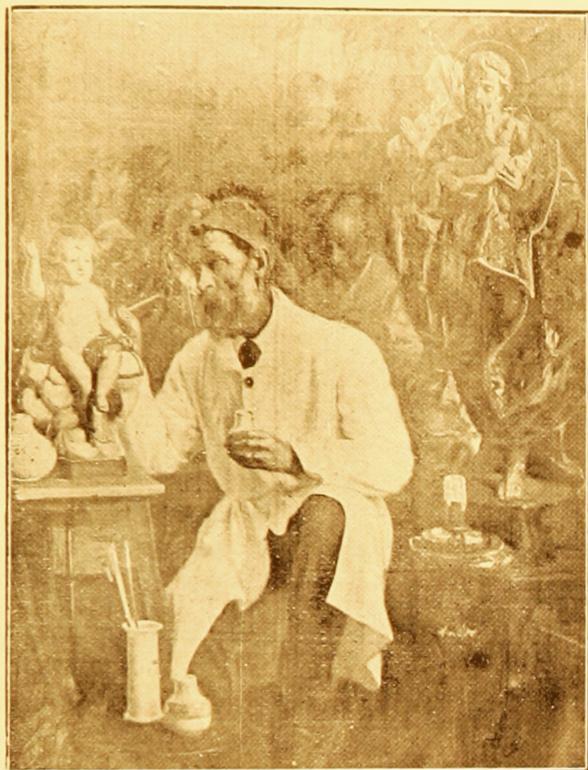


Uma peça de grosso calibre  
do campo intrincheirado cuja  
guarnição se poz ao lado dos  
revoltosos.

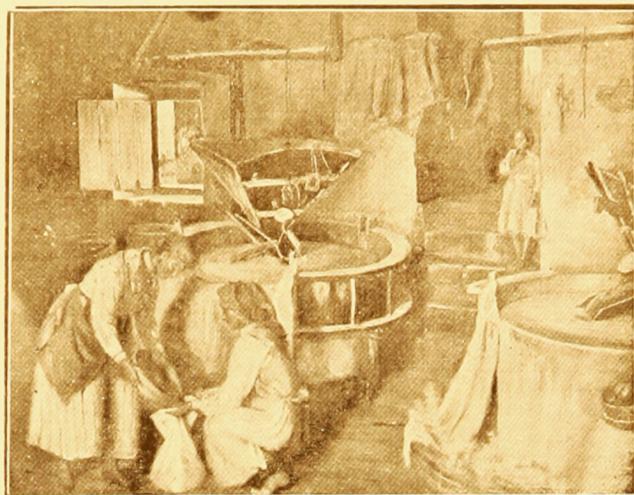


Trafaria onde estiveram presos o Sr. Dr. Affonso Costa e Augusto Soares

# A exposição do pintor Battistini



O Santeiro



Moinho da Freira (Ribatejo)



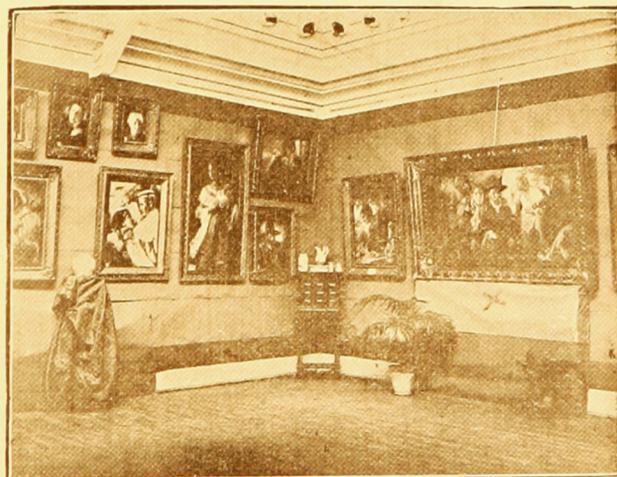
Um aspecto da exposição no salão da «Ilustração Portuguesa» em Lisboa



O colêcionador



Outro aspecto da exposição



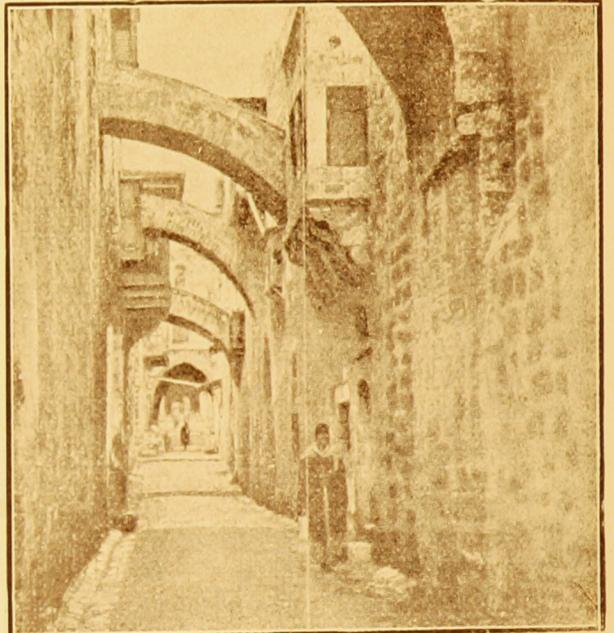
O bello quadro o «Emigrante».

# A TOMADA DE JERUSALEM

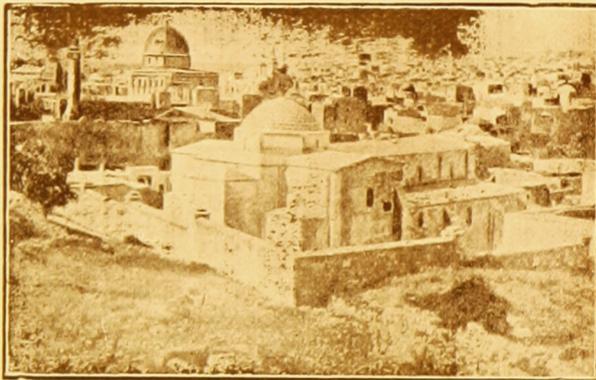
A cidade santa, aquella que assistiu á morte do Redemptor, caiu em 336 nas mãos dos turcos, os fieis a Mahomet, e desde então, apesar de esforços grandiosos que a historia conta, foi impossivel e sua libertação por aquelles que de direito eram os senhores d'ella.

Passaram-se 1581 annos, e o general inglez Allenby á frente das suas tropas ataca no dia 8 de dezembro, Jerusalem pelo lado de Bethlem, a sorte foi-lhe favoravel e n'esse mesmo dia, o dia da Virgem Mãe de Deus, toma a cidade.

A ataque foi vagaroso pois os libertadores não quizeram que uma só bala focasse nem damnificasse os velhos monumentos e não contentes, mandaram cercar os lugares santos para que nenhuma mão macabra lhes tocasse.



A Via Dolorosa



Uma vista panoramica de Jerusalem

## No Natal de 1917

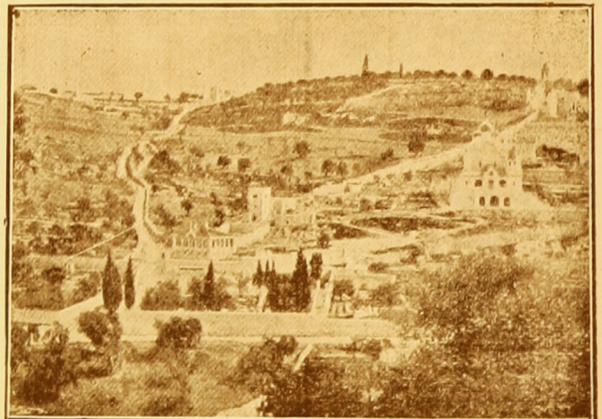
De mãos nas mãos, de olhos nos olhos, puros,  
Ao menos hoje sejam bons irmãos  
Os que pelejam como bons christãos,  
Contra o mal, contra o erro e os ódios duros.

Têm sido funebres, crueis, escuros,  
Os nossos dias, d'antes tão louçãos;  
D'olhos nos olhos, e de mãos nas mãos,  
Esplendidos fulgurem sóes futuros.

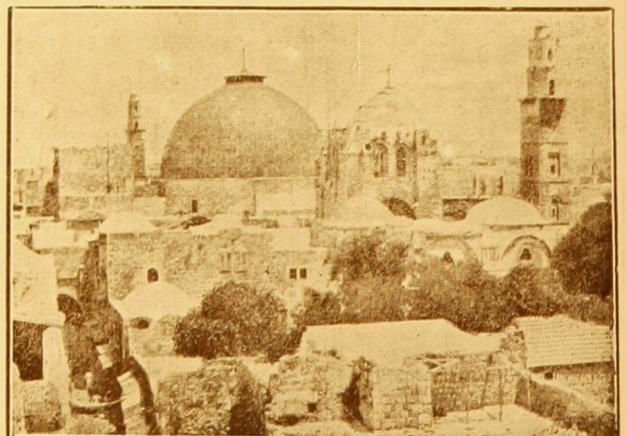
O Deus-Menino é o symbolo da Luz,  
Da pureza das almas, exiladas  
N'este mundo, que é salvo pela Cruz...

Beijêmos tanto as mais crueis espadas  
Com a benção divina de Jesus,  
Que, no amor e na paz, valham enxadas!

*José Agostinho.*



O Monte das Oliveiras



A igreja do Santo Sepulchro

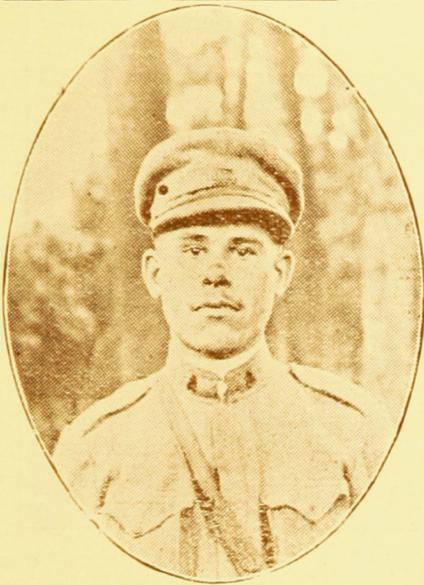


Tenente coronel de artilharia Pedro Francisco Massano d'Amorim, commandante em chefe da expedição a Moçambique que ultimamente se bateu heroicamente contra os indígenas e allemães no combate de Negomano.

## PORTUGUEZES NA GUERRA

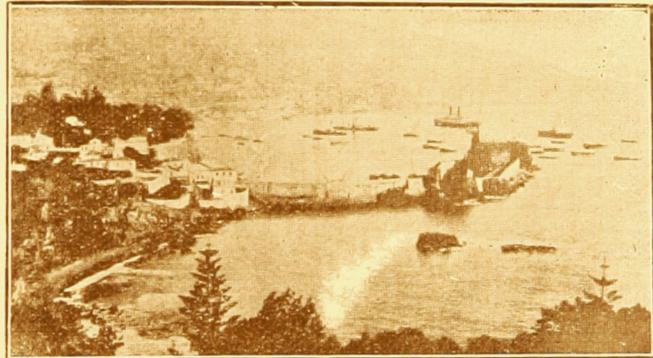


Capitão de cavallaria, Luiz T. de Avellar Pinto Tavares, morto heroicamente no combate de Negomano.



Antonio Esteves Garcia, soldado portuguez hoje na frente

O porto do Funchal que foi recentemente bombardeado por um submarino allemão. E' a segunda vez que esta



cidade sofre o traiçoeiro fogo dos allemães, ficando varios edificios avariados e algumas pessoas mortas.



Ramiro Magalhães Dias, cabo de artilharia n.º 8, hoje em França.



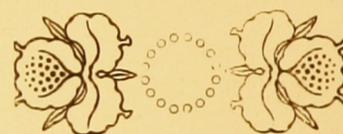
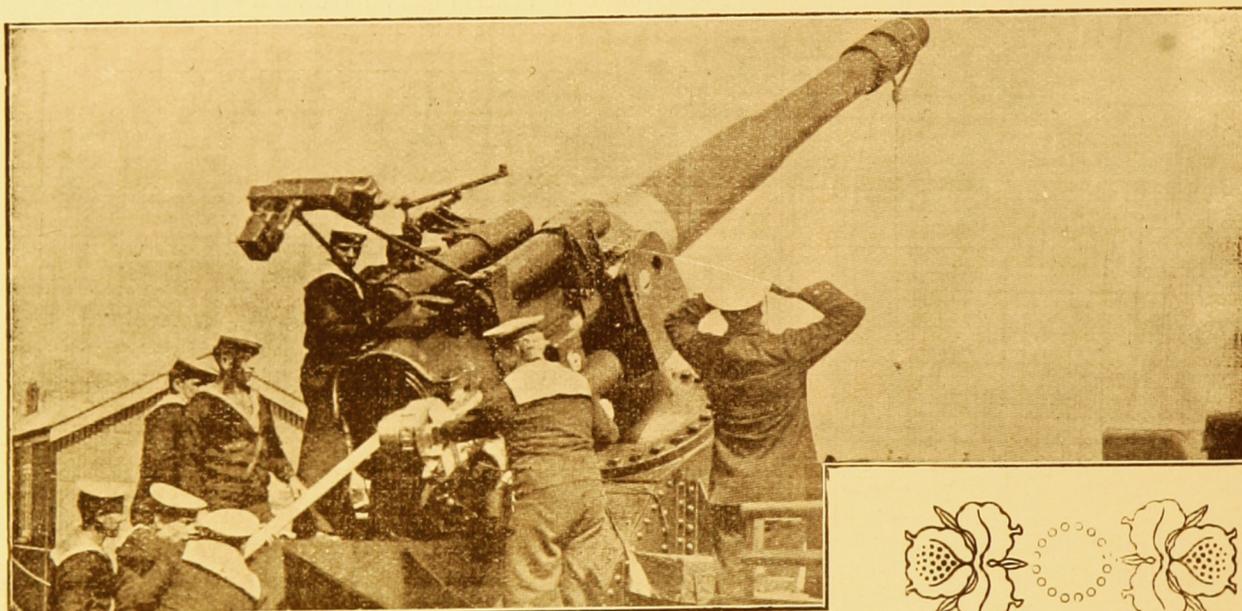
Francisco Pereira, chauffeur 1657 no comboio automovel em França



Antonio Nunes Guedes, chauffeur do comboio automovel em França



Prisioneiros alemães merendando no campo de concentração com as sentinelas inglesas



Os artilheiros de bordo d'um cruzador italiano fazendo fogo sobre um aeroplano



O almoço na terceira linha

# O NATAL

POR JOSÉ AGOSTINHO



Edade Media tem sido rehabilitada até mesmo por aquelles que como Taine, mais severamente a julgaram.

Germen tormentoso de todas as grandes liberdades e crenças, essa Edade, porém, nas suas florestas de ferro ensanguentado, nos uivos do feudalismo despotico, na propria anarchia palpitante de delirios, teve um caracter de sinceridade e grandeza, que nunca mais illuminaram as almas.

As suas communas velem bem mais do que os pobres municipios de hoje. As suas solemnidades religiosas tem um cunho profundamente symbolico de poesia e ardor, nada parecidos ao contemporaneo devocionismo.

Houve deploraveis excessos n'aquelle tumulto incessante e epico: mas houve nervos, consciencia, almas, grandes santos, ao pé de grandes guerreiros, immortaes trovadores ao pé de esculpturas e virtuosas donas.

Effervesceram como nunca as paixões humanas. Mas, como nunca, houve o temor de Deus e o amor do proximo ao lado das hecatombes, dos motins, dos desthronamentos.

Sobretudo, palpitou o sincero e progressivo amor da honra, da gloria e da justiça em Deus.

E era no Natal que essa fé e sinceridade fidalga mais se floria e embalsamava de delicado e constante lyrismo.

Era um extasis colectivo a consoada. Extasis nos canticos, na fraternidade, na vibração das almas. Extasis na penetração admiravel do espirito do christianismo. Extasis na liturgia. Extasis nas tradições. Extasis no ágape de todos os odios, be-ligerancias e acrimonias.

A Humanidade fazia-se n'essa festa uma enorme criança a cantar e a orar. Partiram-se as espaldas aos pés do Presepio.

As altivas castellãs beijaram na frente as servas da gleba. Os castellos roqueiros transmudavam-se em cathedraes.

Em nome do Menino Deus, todas as crianças eram gigantes. Em nome da Virgem, todas as Mães eram santas. Em nome de S. José, todos os humildes proletarios eram principes.

Secundario é discutir quando se instituiu a festa do Natal. Atribuiram-na ao Papa Telesphoro, fallecido em 148. Dizem outros que no seculo IV o Papa Julio I, a rogo de S. Cyrillo de Jerusalem, mandara averiguar o dia certo do Nascimento de Christo, ficando assente o dia 25 de Dezembro e assim determinara a festa do Natal.

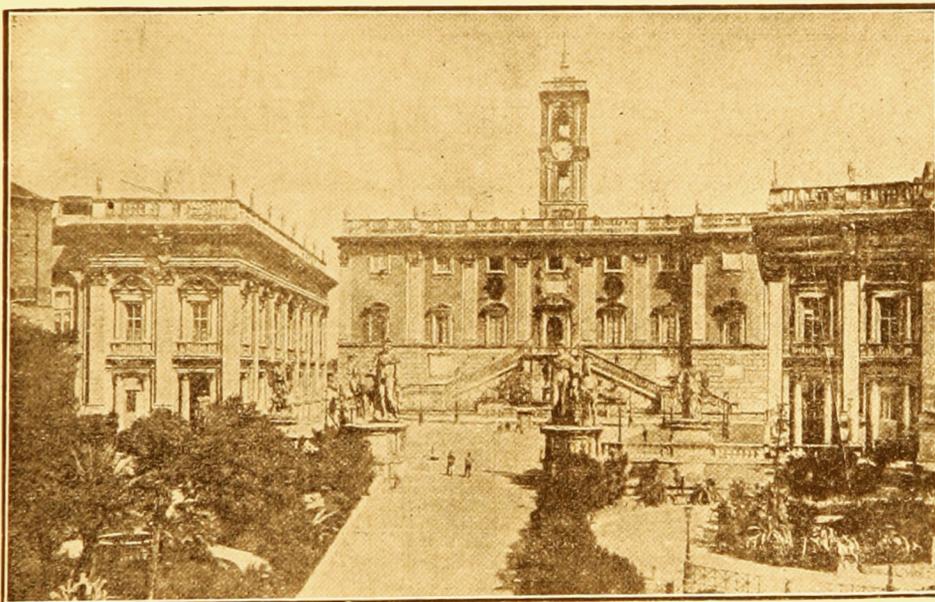
Tudo isto é extremamente hypothetico, valendo decerto mais a opinião de S. João Chrysostomo que affirma ser o Natal celebrado desde o começo e tanto na Thracia como em Cadiz, ou seja em todo o Occidente.

E' certo, sim, que nas igrejas orientaes houve variações quanto ao dia do Natal, celebrando-o umas em Abril, outras em Maio, e outras em Janeiro com o nome de *Theophania*: mas, pouco tempo depois, todas seguiam o uso das igrejas occidentaes.

Entretanto, o que nós empolga e ensina de-veras é o espirito christão da Edade Media, na celebração do Natal, quer venha dos primeiros cyclos, quer não.

Ao mesmo tempo que, como ainda hoje, na igreja de *Ara Cæli* em Roma prégadores infantis declamavam nos pulpitos sobre o Nascimento do Senhor.—e *Ara Cæli* foi suggestivamente edificada no sitio do antigo Capitolio—que vemos nós nas igrejas medievas? Poesia, fé, visão penetrante do Além.

Cantos de *prosas* entre o gradual e o Evangelho, *prosas* que variavam segundo as dioceses.



Roma—O Capitolio

E essas *prosas* tinham, aliás, a mais transcender tal poesia. A sua essencia era profundamente theologica, expositora dos mysterios do dia.

Vemos adoraveis *Actos* ou *Mysterios*, dramatinhos liturgicos, representados por juvenis pastores que cantavam aos pés da Virgem e do Menino Jesus candidas antiphonas que ainda hoje nos elevam e edificam, como torrentes de crystal.

Com elles, se viam os prophetas venerandos da Biblia e as desgrenhadas sybillas de Roma, annunciando imponentemente a Vinda do Senhor. Mas que immensa alegria em todos! Que alegria e que fé! Que communhão d'almas nos lares e como os lares commungavam nos templos!

Que veneração pelos Bispos e curas! Que caridade, a encher de pão e flores os mais humildes tugurios! Que rythmos a embalarem raptos e boas obras!

O Natal de 1917 impoz me irresistivelmente o Natal medievo, sempre bello, emquanto a Renascença o não adulterou. E não terei razão, almas doridas por tanto scepticismo? A Edade-Media tem de ser nossa mestra na resurreição das liberdades municipaes, hoje sophismadas e quasi inanes. Porque o não será tambem no culto religico?



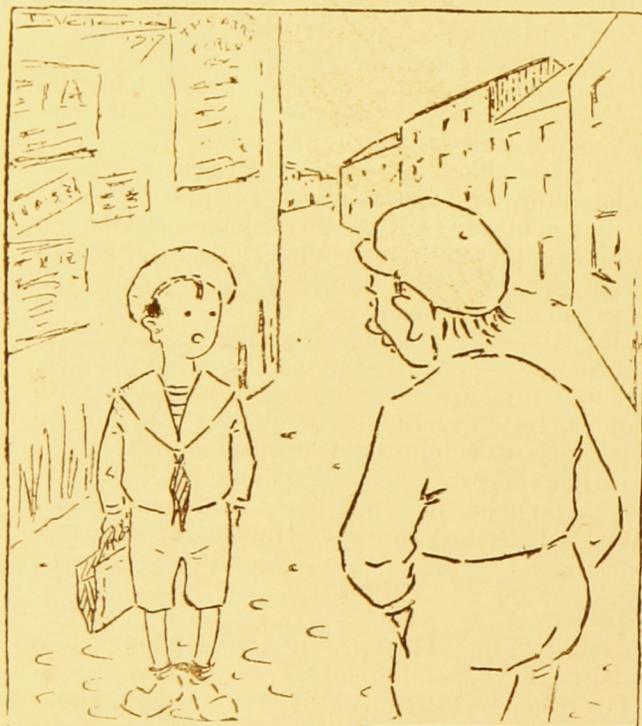
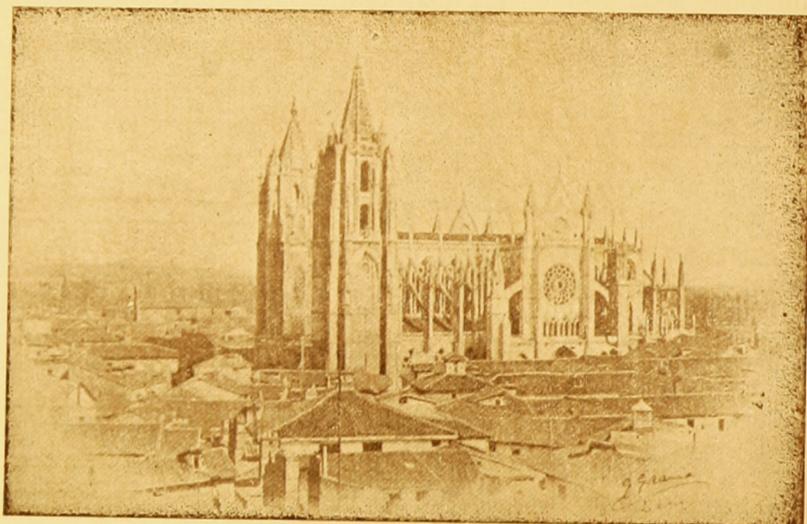
## Os artistas e o Natal

Preparativos para a ceia

(Interessante quadro  
do pintor José de Brito).

## Cidades da guerra

Vista panorâmica da catedral de Lyão



## Confusão

—Olha lá : de que está coberta a tua casa?...

—Do mesmo que a tua, está coberta de telhas.

—A minha não está tal. Diz o papá que está coberta de hypotheças...

# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

*Esculptura em Madeira*

—E—

PINTURA

*Teixeira Fanzeres*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de *imagens*, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

*Preços modicos*

*Contra riscos e guerra terrestres e maritimos, grèves, tumultos e roubos, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

## SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.  
C-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto-105 1. BRAGA

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.<sup>a</sup>**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**